

Hospitalidade, memória e polifonia. Um itinerário

Hospitality, memory and poliphony. An itinerary.

Hospitalidad, memória y polifonía. Un itinerario.

Josemar de Campos Maciel

Flávia Cristina Albuquerque Palhares Machado

Lorene Almeida Tiburtino da Silva

Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) Campo Grande, MS, Brasil

Resumo

O texto que segue é um itinerário interdisciplinar para relacionar criticamente os conceitos de hospitalidade, memória e polifonia. O itinerário é atravessado pela teoria decolonial, como uma tentativa de expansão da ética da hospitalidade como ontologia da transitoriedade. O ensaio parte da caracterização da modernidade como negação da hospitalidade e como aceleração, tensionada pela condição dos hóspedes excluídos. Em seguida, os excluídos são considerados como resistentes que organizam na memória, a recuperação sistemática da validade e urgência da sua experiência. Daí se pontua a polifonia como textura específica dessa recuperação. Além de sua pontuação, também sua consequente tentativa de institucionalização, mediada por metodologias adequadas, a partir de uma escuta qualificada para os fluxos do humano. O possível corolário do texto é chegar à oferta da concepção polifônica da expressão da humanidade como um valor delicadamente ontológico. Delicadamente, por depender da memória. Ontológico, porque atravessa uma humanidade possível.

Palavras-chave: Pensamento Decolonial; Hospitalidade; Memória; Polifonia.

Abstract

The text that follows is an interdisciplinary itinerary to critically relate the concepts of hospitality, memory and polyphony. The itinerary is crossed by decolonial theory, as an attempt to expand the ethics of hospitality as an ontology of transience. The essay starts from the characterization of modernity as a denial of hospitality and acceleration, tensioned by the condition of excluded guests. Then, the excluded are considered as resisters, organizing in

memory the systematic recovery of the validity and urgency of their experience. Hence polyphony is highlighted as a specific texture of this recovery. Furthermore, also its consequent attempt at institutionalization, mediated by appropriate methodologies, based on qualified listening to human flows. The possible corollary of the text is to offer a polyphonic conception of the expression of humanity as a delicately ontological value. Gently, as it depends on memory. Ontological, because it may point to a possible humanity.

Keywords: Decolonial Thought; Hospitality; Memory; Polyphony.

Resumen

El texto que sigue es un itinerario interdisciplinar relacionando críticamente los conceptos de hospitalidad, memoria y polifonía. El itinerario está atravesado por la teoría decolonial, intentando ampliar la ética de la hospitalidad como una ontología de la fugacidad. El ensayo parte de la caracterización de la modernidad como negación de la hospitalidad y aceleración, tensionada por la condición de huéspedes excluidos. Entonces, los excluidos son considerados como resistentes, organizando en la memoria la recuperación sistemática de la vigencia y urgencia de su experiencia. De ahí que se resalte la polifonía como textura específica de esta recuperación. Además de su puntuación, también su consecuente intento de institucionalización, mediada por metodologías adecuadas, basadas en la escucha cualificada de los flujos humanos. El corolario del texto es ofrecer una concepción polifónica de la expresión de la humanidad como valor delicadamente ontológico. Suavemente porque depende de la memoria. Ontológico, porque atraviesa una humanidad posible.

Palabras clave: Pensamiento decolonial. Hospitalidad. Memoria. Polifonía.

Introdução

Peço ao meu diário que me consinta, quinzenalmente, esta espécie de "carta para muitos", mesmo não sendo para todos, segundo o protocolo do periodismo. No fim das contas, diretor amigo, ninguém escreve para todos, mesmo se assim o creia. Peço que aceite esta minha oferta barroca,

onde aparecerão comentários de acontecimentos grandes e ínfimos, de algumas leituras que se quer recomendar, disso que denominamos, em casa, como "ecos escolares", e diariamente, encargos duros e ternos para minhas gentes. Duros pelo ímpeto de me fazer ouvir; ternos, por amá-las tanto (Mistral, 1934 / 2023, pp. 6-7).

Gabriela Mistral, em uma definição do que seriam os seus “recados”, inaugura um estilo de escritura que derrama a alma de uma mulher e cônsul, mas também catalisa uma imagem que pode inspirar a posição do trabalho que segue, para um possível público leitor. Queremos temperar o amor de uma pequena conversação com elementos de naturalização de análises importantes da realidade em si, ouvida com ouvidos mestiços, sensíveis e impuros. Assim sendo, queremos enraizar um discurso, a ideia de que o pensamento produzido a partir do chão de uma Grande América, é um pensamento muito articulado, mas que merece diversas camadas e estilos de atenção, como um discurso polifônico, que habita a terra dos conceitos, mas repele a violência da generalização conceitual, base da concepção totalitária do ser, do agir e do conhecer, que tanto assinala as dificuldades com as quais povos, histórias, línguas e territorialidades de Abya Yala se deparam, desde as primeiras invasões e primeiros movimentos de ocupação, que sempre implicou em desqualificação. Este texto alinha-se com os recados de Mistral. Ele é um ato de hospitalidade –

acolhimento que reconfigura o acolhido, resignificando também o acolhedor. Anuncia a objetividade possível no encontro com amigas e amigos de sempre e desde sempre, ambicionando construir-se como “a informante dos meus amigos, o correio das novidades que lhes importam” (Mistral, 1934/2023, p. 6), e não muito mais que isso. Assim, presta testemunho à busca de um discurso polifônico, contribuindo para a inspiração do debate para além do momento presente.

Uma contribuição a um debate supõe que se saiba bem de que debate se trata. Num debate, pode-se ingressar defendendo algum argumento, atacando oponentes ou, como é o caso aqui, narrando, retomando contribuições e resignificando interpretações. O debate focaliza-se sobre as possibilidades de narrar a relação entre o que vem depois do falido desenvolvimento. Assim pressupomos essa falência comentando-a brevemente, e oferecemos um itinerário que caracteriza o tempo presente a partir da relação entre uma descrição da modernidade, como violenta aceleração que produz rupturas, e uma descrição de uma reação a ela, a resignificação de si mesma – da modernidade e das

comunidades atravessadas por ela, ora como por uma adaga, ora como por um sussurro, através dos trabalhos da memória. Sinalizaremos, para essa construção, que um dos principais problemas decorrentes do momento atual relaciona-se com as possibilidades de trabalho de memória dos povos que se desdobram para ir além da situação de colonialidade, tensionadas com a sua luta pelo direito de manter, construir e sistematizar seus acervos e o amor a si mesmo, como acervos.

A proposta de uma via de saída para a tensão entre reconstruir e preservar um passado sob ataque e, ao mesmo tempo, a poder sonhar futuros, é uma possibilidade realista, com um passo além do momento imediato, ou seja, a polifonia e a redescoberta dialética aprofundada da experiência da hospitalidade como tendo valor ontológico, resguardando a tarefa de circunscrever uma outra ontologia. Em palavras mais simples, talvez possamos afirmar que com o tempo e a prática, o amor do encontrar e do deixar-se encontrar, no berço de tradições recuperadas e compartilhadas, é capaz de tecer materiais para uma possível celebração do direito àquele amálgama de

saberes, fazeres e dançares próprios que às vezes vem denominado como cultura e que, por sua vez, é o chão para sintetizar o conhecimento e para as estratégias de ação sobre a realidade.

Em seguida articularemos os três momentos desse desafio como sendo um diagnóstico da resistência da hospitalidade, a luta pela memória e a polifonia como oportunidade civilizatória.

Resistência da Hospitalidade

A tarefa mais urgente de uma reflexão que parta da hospitalidade com força filosófica é descobrir-se como pele estrangeira, para além do exercício epitelial da hospitalidade como abrigo institucional para pessoas, grupos e povos estrangeiros (Agier, 2008). Mais do que exercícios de acolhida, trata-se da ampliação do espectro do pensamento, que envolve a descoberta de uma valência ontológica a partir da percepção do eu em relação, e como relação de acolhimento (Derrida, 2000a; 2000b; 2021; Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007; Grosfoguel, 2017). Acontece que, para falar em valência, ou *depositum* ontológico, é importante delimitar a região ôntica da

qual se parte. Trata-se da decantação de categorias historiográficas.

A tarefa estende-se também à racionalidade, que depuraria, em tese, tanto o comportamento quanto a ação, seja ela mais ou menos considerada como social, ou racional. A tarefa do pensamento é a de ampliar a nossa compreensão do mundo e de nós mesmos, de forma a nos tornarmos mais abertos e tolerantes em relação ao outro (Escobar, 2003).

Isso implica em reconhecer que a condição humana é desde si mesma estranha, estrangeira em alguma medida. Somos todos estrangeiros em algum sentido, e a nossa identidade não é nem dada e passada, nem imutável, mas desdobra-se fluida e em constante transformação. Essa perspectiva atravessa as mais diversas áreas da vida, desde a educação, a política, até o que se entende como as relações interpessoais, interespecies e ambientais, e os esforços de negociação e sistematização delas mesmas. Ao ampliar o espectro do tema, podemos descobrir novas formas de pensar e agir, que nos permitam ir além do hábito de tornarmo-nos inclusivos e respeitosos com as diferenças, tornando-nos nós mesmas

diferença (Agier, 2021; Khosravi, 2010; 2021).

A hospitalidade não pode ser pensada como constituindo alguma essência imutável, posto que a imutabilidade fica cada vez mais distante dos sonhos da filosofia, diante das descobertas modernas da história, da cultura e, ultimamente, da linguagem, dos gêneros e das espécies. Por outro lado, se o pensamento ainda pretende sustentar sua vocação ontológica, pode-se perceber que a hospitalidade é uma presença constante e um critério diante de diversos horizontes de tomada de decisão. Permanece como uma inspiração portante na história das civilizações e uma importante ferramenta constitutiva da espécie humana, desde o surgimento das fricções entre sociedades, imperialismos, tribos e culturas. Nas infinitas fricções, sobrevive não apenas o grupo que se impõe por ser mais forte, mas também o que se associa e assimila diferenças – o mais apto. A hospitalidade se manifesta como uma via de encontro, onde a alteridade se torna um elemento central. Ao acolher o estranho, a própria ideia de identidade se redefine, e a humanidade se confronta com a riqueza e complexidade da diversidade cultural e da

cultura como cultivo da diversidade (Derrida, 2021; Maciel, 2021). A hospitalidade se inscreve, assim, no cerne da experiência humana, como uma constante que desafia as fronteiras estreitas da individualidade e da exclusão. Na época histórica denominada como moderna, a hospitalidade sobreviveu a um ataque, mas traz na pele as cicatrizes.

Da aceleração às sobrecargas

Há diversas genealogias da modernidade. Uma delas é proposta sob a fecunda perspectiva de Hartmut Rosa (2013; 2019). Desvela-se um complexo processo que transitou desde a aceleração dos âmbitos do conhecimento, da existência e da produção até as esmagadoras sobrecargas do sistema de vida e de existência não somente europeu, como mundial. Esse fenômeno mostrou-se capaz de não apenas desafiar, mas também de corroer os alicerces essenciais da sociedade, e de dizimar populações inteiras em suas margens.

Para desdobrar a compreensão desse fenômeno, pode ser útil deitar o olhar sobre a modernidade, como uma força motriz de mudança. Em seu núcleo, a

modernidade é caracterizada por uma busca incessante pela inovação e pelo progresso, que se traduz em uma aceleração de todos os processos do poder, do saber e do ser (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007). No campo do conhecimento, a modernidade viu o florescimento da ciência como uma força dominante, redefinindo nossa compreensão do mundo natural e impulsionando a revolução tecnológica. Na produção dos sistemas de vida, ou seja, nas relações de poder, a industrialização se tornou um símbolo tangível dessa aceleração, alterando fundamentalmente a forma como os bens eram fabricados e distribuídos, criando e estabilizando o sistema de acúmulo de bens que passou por diversos nomes: mercantilismo, capitalismo, até o atual capitalismo tardio. Acontece que todo esse processo centralizou-se em países europeus, ou dependentes de uma visão expansionista eurocentrada, transtornando profundamente dois terços de todos os movimentos do planeta (Amin, 2011; Fancioni, 2015).

Na medida em que a modernidade avançava, também começaram a surgir as sobrecargas do sistema. Esse ritmo vertiginoso de mudança muitas vezes

ultrapassou os limites desde os quais o sistema era capaz de se regenerar, em seus movimentos autopoieticos. Foram sendo deixados escombros e desafios monumentais pelo caminho. As consequências desse processo são particularmente evidentes nas franjas da sociedade, e nos continentes que foram visitados, invadidos e explorados por europeus para consolidar seus projetos. Ali onde as instituições e estruturas tradicionais eram menos capazes de se adaptar e fornecer proteção, elas foram esgarçadas, desconfiguradas e em muitos casos, sobreviveram à custa de muito esforço (Grosfoguel; Cervantes-Rodríguez, 2002).

A modernidade, ao quebrar e esgarçar seus próprios fundamentos, causou uma série de deslocamentos sociais e culturais. Populações inteiras foram despojadas de suas territorialidades, tradições e modos de vida. A urbanização acelerada trouxe consigo desafios de habitação, saneamento e alienação social. O rápido desenvolvimento tecnológico desencadeou questões éticas e existenciais, à medida que as pessoas se confrontavam com dilemas morais e filosóficos decorrentes de novas descobertas

científicas e tecnológicas. O ser humano aos poucos não cabe mais no mundo construído por muitos para o usufruto de poucos (Kopenawa, 2015; King; Gerisch; Rosa, 2019).

A aceleração e as sobrecargas modernas levantam questões sobre a natureza da mudança e do progresso. Aqui surgem em causa estudos sobre as tensões inerentes ao processo, e mais ainda, sobre a violência implicada em seu acontecer. A principal questão, diante do fenômeno da fragilização de todo um planeta e da criação de toda uma era de derretimentos para atender a um movimento de aceleração, é de natureza ética, da possibilidade ou não de um projeto actancial coletivo (Walsh, 2007; Taussig, 2020; Amigo; Navarrete, 2023). Ainda é possível pensar uma forma de se elevar a demanda ética, para superar a violência extrema, genocida, ecocida e racista que está à base das ideias e práticas associadas ao progresso? Esta pergunta e outras correlatas, formuladas desde os primeiros sacrifícios das ocupações e expansões, não podem ser respondidas antes que aprofundemos, por um instante, o sentido das rupturas causadas pelos esgarçamentos do sistema social e ambiental.

O cinismo e as tentativas de esconder chagas abertas

A partir de uma linha de interpretação da modernidade que vê todo o movimento histórico a partir dos continentes que abraçaram e em certa medida construíram a Europa e por ela foram saqueados, a construção da modernidade não representa apenas um momento de progresso linear, como queriam as narrativas mais simpáticas à ideia de iluminismo. Ao contrário, delineia um sistema-mundo marcado por profundas contradições, especialmente no que se refere ao cinismo institucional e geopolítico (Castro-Gómez & Grosfoguel, 2007; de la Fuente & Andrews, 2018).

Nesse contexto, o termo "cinismo" emerge como uma lente poderosa para analisar os meandros da modernidade, uma abordagem que questiona a retórica oficial e escava as camadas ocultas da construção do mundo moderno. O cinismo institucional e geopolítico, de acordo com esses pensadores, tornou-se uma característica proeminente da modernidade, onde a busca pelo poder, controle e hegemonia muitas vezes

obscureceu os ideais proclamados de igualdade, liberdade e justiça/fraternidade. Sloterdijk (1987) recoloca em movimento a ideia do cinismo da razão de estado, sem tirar todas as consequências disto – a saber, que a ideia de racionalidade serviu para encobrir o lado estranho, escuro ou violento da marcha da modernidade. É importante destacar que o cinismo, nesse contexto, não é apenas um traço pessoal, mas um hábito mental que permeia as estruturas de poder e governança. A *realpolitik*, que é a política baseada na pragmática, na consideração dos interesses nacionais e no poder bruto, surge como uma manifestação desse cinismo institucional, desde Maquiavel e Hobbes. Em vez de abraçar princípios éticos e morais, a política realista se concentra na obtenção e manutenção do poder a qualquer custo, muitas vezes negligenciando valores humanos fundamentais. Serão diversas faces do colonialismo, extrativismo e genocídio. A modernidade, vista a partir dessa perspectiva crítica, se desvela como um sistema fechado, uma representação de mundo que promoveu ativamente o cinismo institucional. As estruturas geopolíticas e econômicas da modernidade

frequentemente refletiam interesses coloniais, imperialistas e capitalistas que exploravam e oprimiam vastas porções do globo em busca de lucro e hegemonia. A ideia de progresso, frequentemente associada à modernidade, era muitas vezes um disfarce para a busca incessante de vantagens materiais e domínio sobre os outros (Rufer, 2022).

A metáfora das "chagas abertas", eco da ideia das "veias abertas" já canônica na historiografia americanística (Galeano, 2004), sugere um conjunto de encruzilhadas de dor, de processos em aberto. Por um lado, dóem feridas profundas e negligenciadas na construção da modernidade – assuntos proibidos, autoridades intocáveis, imensos esforços para controlar e silenciar informações, cooptação de sistemas de comunicação para evitar informar os cidadãos sobre problemas e complexidades devidas aos mais diversos agentes – agentes operadores de desigualdade. Essas feridas revelam a opressão, a exploração e o sofrimento infligidos a populações inteiras em nome do avanço econômico e político, por um lado. Por outro lado, porém, a metáfora indica a resistência da diferença e da diversidade, porque a ferida não é

necessariamente uma necrose. Enquanto houver oxigênio e sangue nas veias abertas, os corpos tentam reconstruir-se. Noutros termos, a diversidade epistêmica e cultural dos povos subalternizados articula-se como pensamento crítico, com enorme capacidade gerativa e multiplicadora, com potência heurística (Luigi, Santos et al., 2023). Os defensores dessa corrente argumentam que o estabelecimento da visão moderna de mundo consistiu na tentativa de impôr ao multiverso real das culturas a ficção de uma única visão, baseada em valores ocidentais, como se fosse universal e superior. No entanto, a diversidade cultural e epistêmica é uma riqueza que merece reconhecimento, com potencial para reconfigurar o próprio projeto moderno, se mergulharmos em alguns dos seus dinamismos (Borsani, 2021; Dussel, 2014). Noutros termos, a diversidade gera possibilidades recombinaatórias e caminhos de ressignificação.

Drama e desafio da luta pela Memória

Eles têm a força, podem nos avassalar, mas os processos sociais não são detidos nem pelo crime

nem com a força. A história é nossa e são os povos que a fazem (Allende, 1973/2022, p. 158).

No campo institucional das discussões filosóficas, a hospitalidade tem passado da poesia a uma ontologia dinâmica, delineada a partir do imperativo ético. Aqui o pensamento, entre Lévinas, Jabès e Derrida, é forçado a atravessar o Rubicão das perspectivas, ou seja, as teorias fundadas no olhar, no imperativo de ser o primeiro, seguir e conquistar, para seguir em direção à escuta, à busca de alinhamento em reverberação existencial que envolve corporeidades, coletividades e vocalidades (Carel, 2012; Bakhtin, 2017; Derrida, 1997; 2000; 2021; Danowski & Viveiros de Castro, 2020). Trata-se de qualificar a escuta. Mas uma escuta qualificada não significa, na nossa discussão, uma triagem diagnóstica, nem muito menos uma replicação autoritária de receitas prontas. Será sempre uma posição estranhada, de hóspedes, muitas vezes, ausentes. Uma espécie de imperativo ético.

O imperativo que emerge desse entendimento da hospitalidade convida a acolher não apenas os outros, mas a experiência de outridade que vem junto,

com uma escuta mais que genuína e aberta, também interessada, por poder vir a ser portadora de ideias e mesmo de soluções para problemas que as comunidades que acolhem não estão sabendo encontrar. Pois bem, isso implica em grandes reviravoltas, para a posição em que a hospitalidade não é mais um ato de benevolência, conquista ou imposição, mas um ato de abertura à alteridade, à pluralidade e à diversidade. Essa ontologia dinâmica da hospitalidade se expande para além da relação interpessoal tradicional que entende as relações como sendo algo que ocorre entre mônadas, abraçando uma reverberação existencial mais ampla. Ela envolve não apenas a interação entre indivíduos e corporeidades, mas também considera as dimensões coletivas da experiência do fazer hospitaleiro. A hospitalidade se torna um fenômeno que atravessa as fronteiras do eu e do outro, conectando-se às territorialidades, comunidades, culturas e vozes diversas que moldam os mundos possíveis. A escuta hospitaleira pode vir a ser uma prática institucionalizada mas estranhada, que reconhece e deseja ativamente a estranheza do hóspede e a complexidade de sua existência (Marcel,

1951; 1971; Shafiq & Donlin-Smith, 2023; Still, 2013; Treanor, 2006; Tsing, 2019).

Lévinas, em sua filosofia da responsabilidade para com o outro, enfatiza a ética do rosto e nos recorda que o encontro face a face é uma chamada à responsabilidade, à preocupação genuína e ao reconhecimento da vulnerabilidade. A hospitalidade, vibrando a partir dessa frequência, é um ato de acolhimento que institui uma humanidade como experiência compartilhada. Assim, tecida no interstício entre a língua e a escuta, a hospitalidade tem uma nota inicial de poesia. E Jabès pode ser visto como o intelectual que introduz a ideia do hóspede ausente (Still, 2013). Ele nos convida a pensar naqueles que, devido ao exílio, à diáspora ou à opressão, são hóspedes que não podem estar presentes fisicamente. A hospitalidade torna-se, assim, uma forma de lembrança e reconhecimento de ausência. É uma busca pela (re)construção de vozes e significados para aqueles que não podem estar fisicamente presentes, mas cujas histórias e experiências são igualmente valiosas e são preservadas lá onde isso será possível. Na memória, nas narrativas, nos ritos (Waldenfels, 2015).

Uma das passagens da hospitalidade da poesia para a filosofia foi proposta por Jaques Derrida, ele mesmo um testemunha da hospitalidade, trazendo na pele a Argélia nativa e a França adotada, como tantas e tantos intelectuais “europeus”. Derrida explora a complexidade da hospitalidade hipotizando que ela deve ser “hospitalidade incondicional”, para fazer jus à etimologia e à sua capacidade disruptiva, como conceito gerador de mundos. Derrida (2000b) convida a refletir, rememorando seus textos, sobre como a hospitalidade pode ser ao mesmo tempo generosa e restringida, aberta e condicionada, ampliando e talvez derretendo margens e fronteiras.

As margens da sociedade frequentemente são palco de trajetórias históricas permeadas por apagamentos sistemáticos, tentativas de invisibilização, genocídios e exploração implacável. Uma das alas da eclosão do pensamento moderno é a tentativa sistemática de tentar impôr como se fosse a realidade ou a objetividade o que, na verdade, é ganância e violência. Do ponto de vista de uma teologia crítica, Milbank (2006) já arrancou a máscara desse pensamento

aparentemente objetivo como sendo uma apologia herética da violência. Enrique Dussel por sua vez mostrou, repetidas vezes, que o ocultamento do outro e de sua história levou a genocídios e que, em última análise, o maior intelectual para se posicionar com justiça a modernidade, e a sua superação como possível, é Bartolomeu de las Casas, o pequeno e controverso Bispo de Chiapas, com a sua denúncia das mitologias e das histórias mal contadas dos países expansionistas (Dussel, 2005; 2014). É um desafio imenso repetir e documentar esse duro golpe à ambição de normatividade de gentes que ainda acreditam que a única razão possível precisa matar países inteiros, com suas arquiteturas e Deuses. Mas como seja, apesar dos desafios avassaladores que enfrentam, essas franjas do sistema persistem de maneira notável, transmitindo e revivendo suas narrativas, mantendo sistemas de vida tradicionais e adaptando-se para defendê-los contra a desqualificação sistemática. Essa resiliência e resistência geram uma reflexão essencial sobre a transição necessária para conceber a polifonia como uma forma genuína de multiculturalismo (Lienhard, 1992; Fruoco, 2021).

Além disso, as comunidades e outras formas de articulação dessas racionalidades periféricas desenvolveram sistemas tradicionais de vida que são intrinsecamente ligados à sua cultura – entendida como negociação social e encarnada com o meio ambiente em que vivem - renegociados e adaptados para enfrentar as mudanças, preservando tradições e modos de vida. Aqui emerge a ideia fundamental de que existe uma transição necessária para pensar a polifonia como uma forma autêntica de multiculturalismo. A polifonia se refere à existência de múltiplas vozes, perspectivas e culturas em uma sociedade. No entanto, ela deve ir além de uma mera coexistência de culturas; deve ser fundamentada no reconhecimento, no respeito e na celebração das diferentes vozes e identidades que compõem a tapeçaria cultural de uma sociedade. O multiculturalismo, por sua vez, não deve ser uma concepção superficial de diversidade, mas sim um compromisso genuíno com a inclusão e a equidade (Bouteldja, 2017). Isso significa reconhecer as vozes das comunidades nas margens da sociedade como partes integrantes e fundamentais à incessante

construção do tecido social. O multiculturalismo requer uma transição de uma abordagem que tolera a diversidade para uma que a deseja, promove a justiça e proporciona oportunidades iguais para todas as vozes serem ouvidas.

Em meio às tentativas históricas de ocultar a diversidade de raças, povos, saberes e sexualidades, bem como os esforços para suprimir perguntas cruciais para um senso comum aguçado, e as tentativas de desconsiderar os sistemas tradicionais de conhecimento como inferiores ou meras superstições, encontramos notáveis resistência e oposição. Essa resistência gerou um terreno fértil para a formação de novas e engenhosas recombinações de culturas, conhecimentos e identidades. Observamos, assim, um fenômeno de renascimento cultural e intelectual que desafia a homogeneização e valoriza a diversidade (Koselleck, 2018; Ferrándiz, 2020). As tentativas de ocultamento ao longo da história constituem um capítulo sombrio na gênese da humanidade contemporânea, uma espécie de entulho. Por sua vez, o reconhecimento e celebração da pluralidade humana mostra-se resistente às tentativas de homogeneização.

Por outro lado, a resistência assume várias formas, desde movimentos de afirmação cultural até lutas pelos direitos humanos. As vozes silenciadas, ao longo do tempo, encontraram maneiras de se fazer ouvir e celebrar suas identidades. As tentativas de desqualificar sistemas tradicionais de conhecimento como inferiores ou meras superstições não conseguiram suprimir a riqueza dessas tradições. Muitas culturas têm sistemas de conhecimento sofisticados, desenvolvidos ao longo de gerações. No entanto, em algumas épocas, esses sistemas foram marginalizados em favor de perspectivas consideradas mais “modernas” ou “científicas”. No entanto, esses sistemas tradicionais não desapareceram; eles se adaptaram e evoluíram. As comunidades que detinham esse conhecimento, transmitiram-no cuidadosamente de uma geração para a seguinte. E, ao longo do tempo, vai acontecendo uma revalorização do conhecimento tradicional, com a compreensão de que ele pode oferecer *insights* valiosos e soluções para os desafios contemporâneos. Essa resistência e oposição, no entanto, não se limitaram a manter viva a diversidade de raças, povos e sexualidades, ou a preservar sistemas

tradicionais de conhecimento. Essa resistência gerou um terreno fértil para a criação de novas recombinações culturais, intelectuais e identitárias (Lander, 2000; Krenak, 2019). À beira dos abismos, onde a subsistência de muitos povos era ameaçada, surgiram danças criativas que levaram a uma metamorfose. Essa metamorfose resultou em novas matrizes de conhecimento e de vida, cada vez mais complexas, compreensivas e fecundas.

Essas verdadeiras nuvens do não-saber (Assmann, 2006) representam uma riqueza de perspectivas e conhecimentos que floresceram em resposta às tentativas de apagamento e silenciamento. Elas incorporam a multiplicidade de vozes e experiências que desafiam as tentativas de homogeneização. Essas recombinações culturais e intelectuais têm o potencial de enriquecer nossa compreensão do mundo e promover uma visão mais inclusiva e plural (Olivé, 2009).

Em muitos casos, o que resta das bordas dos sistemas que foram redesenhados pelas acelerações são fragmentos, pedaços quebrados de algo que um dia foi inteiro e coerente. No entanto, é essencial compreender que esses fragmentos podem vir a ser elementos

fundamentais para a construção de novas narrativas e entendimentos, especialmente no que diz respeito à verdade histórica. Esses cacos de memórias, devidamente ressignificados e trabalhados à luz de diversas novas disciplinas, como a historiografia, arqueologia, antropologia e outras, vão deixando emergir novas configurações, surpreendentemente potentes e transformadoras (Silva, 2007; Chong, 2019).

As acelerações da história e da sociedade frequentemente resultam na desintegração de sistemas e estruturas que, em tempos mais lentos, pareciam estáveis e coesos. Essas transformações podem ser causadas por uma variedade de fatores, como avanços tecnológicos, mudanças políticas e sociais, ou mesmo eventos catastróficos. No entanto, o processo de ressignificação e reconstrução não é simples nem isento de desafios. Ele exige uma abordagem crítica e cuidadosa, bem como uma colaboração estreita entre acadêmicos, comunidades e outras partes interessadas da sociedade. É necessário considerar questões éticas, como o respeito pelas narrativas das pessoas envolvidas e o reconhecimento das diferenças culturais

(Fernandes, Souza & Perovano Filho, 2023).

Além disso, a ressignificação não implica em criar uma narrativa única e definitiva, mas sim em reconhecer a multiplicidade de perspectivas e interpretações que podem surgir dos fragmentos de memórias. A verdade histórica é muitas vezes complexa e sujeita a interpretações diversas. Isso é uma força, pois permite um diálogo contínuo e enriquecedor sobre o passado (Castro, 2018; Amigo; Navarrete, 2023).

Polifonia e mundos possíveis

Há uma resolução provisória para a relação entre os caquinhos e a sua reintegração às matrizes que os produziram. Mas aqui é preciso lidar com uma comparação, como que com o paradoxo de existirem muitas línguas e uma só estrutura de comunicação ou aparelho fonador. Um só ambiente. Isso torna importante a tarefa de desenvolver uma escuta mais que qualificada, mais que sensível (Bubnova, Baronas & Tonelli, 2011). Trata-se da tarefa de desenvolver mais que conteúdos ou aparelhos, hábitos

instalados e institucionalizados de escuta. E escutas de ritmos e rumos diferentes.

É preciso desenvolver não apenas conteúdos ou aparelhos para escuta, mas também hábitos de escuta que sejam instalados e institucionalizados. É importante que esses hábitos de escuta sejam capazes de lidar com ritmos e rumos diferentes dos diversos idiomas presentes em nossa sociedade. Ao depararmos com várias línguas em um mesmo ambiente, é necessário desenvolver uma escuta mais atenta não apenas ao conteúdo das palavras, mas também aos ritmos e direções das diferentes línguas presentes – isto em sentido metafórico. Ou seja, a tarefa ultrapassa o desenvolvimento de habilidades linguísticas para afirmar o espaço da construção dos mundos simbólicos e representacionais. A valorização da diversidade linguística e cultural é essencial para a construção de uma sociedade plural e inclusiva. Ao cultivarmos o hábito de escutar e compreender as diferentes línguas que encontramos, estamos contribuindo para a promoção do diálogo intercultural e para a superação de preconceitos e estereótipos. Para isso, é necessário estarmos abertos e receptivos a diferentes formas de

expressão, mesmo que inicialmente possam parecer estranhas ou desconhecidas, e guardados os limites das formas de expressão que não ameacem a integridade do próprio sistema de vida. É preciso embarcar em uma jornada de descoberta e aprendizado, ampliando constantemente nossos horizontes linguísticos e culturais (Eco, 2011; Freise, 2018).

Mas qual é o sentido ou a salvaguarda para onde deve voltar-se a razão, ou quem se dá a tarefa de construir modelos e projetos que façam sentido? A busca por um ponto firme, ou ao menos confiável, deverá atravessar a mesmidade e a repetição para redescobrir a consistência ontológica da encruzilhada, em busca de polifonias, como fato ou como possibilidade. A partir daí dá-se a tarefa do pensamento, como sistematização de sínteses tão antigas quanto realmente novas, porque inspiradoras, ao mesmo tempo em que seriam representativas de velhos anseios e ricas multiplicidades. Essa busca pelo ponto de regresso, a partir do qual a razão pode construir modelos e projetos de racionalidade, é fundamental para a compreensão de como o pensamento pode evoluir e se desenvolver. É

necessário que se volte às raízes, ao passado, para entender de onde vem a lógica e o conhecimento humano (Assmann, 2006).

No entanto, é preciso também transcender a mesmidade e as repetições para encontrar a consistência ontológica das encruzilhadas. Isso significa explorar novas perspectivas, buscar novas polifonias, seja como fatos concretos ou como possibilidades teóricas (Carel, 2012; Fruoco, 2021). Importa a sistematização que envolve transformações e ressignificações. Sínteses antigas podem representar velhos anseios, desejos e necessidades, latentes nos tecidos da humanidade. Ao mesmo tempo, elas podem ser ricas em multiplicidades, oferecendo uma variedade de abordagens e perspectivas para a construção de modelos de pensamento. Por exemplo, ao pensar em como abordar as urgências ambientais, é importante debruçar-se sobre as experiências e as ancestralidades das comunidades indígenas, que praticam um profundo respeito pela natureza e inventam conhecimentos tradicionais valiosos sobre como viver em harmonia com o meio ambiente. Ao buscar polifonias, ou seja, uma diversidade de vozes e perspectivas,

podemos ampliar nossos horizontes e enriquecer nosso pensamento, na abertura de espaço para diferentes formas de conhecimento, aumentando a efetiva convivência entre conhecimentos científicos, indígenas e tradicionais, conhecimentos populares e assim por diante. Ao reconhecer e valorizar essa diversidade, podemos integrar diferentes saberes para criar soluções mais abrangentes e eficazes.

Nota metodológica

No momento em que este texto vai sendo aos poucos gestado e trabalhado, ainda ocorre a luta do pensamento contra forças de homogeneização e de padronização. Ainda ocorre o sequestro do pensamento criativo para favorecer interesses de acumulação de capital e de aumento da desigualdade entre grupos – ou pessoas que detêm os meios de produção, e multidões que produzem e que consomem com avidez o conhecimento. O que se chama de metodologia hoje, é o que o grande motor de toda a máquina da construção do conhecimento considera como tendo valor científico, e ainda não é a reflexão sobre os caminhos realmente

trilhados de pesquisa para entender o mundo. Muito mais, ainda é uma caixa de ferramentas de amansamento, normalização e propaganda para venda de produtos replicáveis. Importa refazer, a partir das franjas, o caminho metodológico e ético, que considera o conhecimento como algo coletivo e gerador de conhecimentos bons, não neutros nem impessoais. Pelo contrário, personalizantes e personalíssimos (Ferrándiz, 2020). A metodologia que se tem orienta apenas à monofonia.

A monofonia é o caminho seguro e garantido onde não se corre o risco de divergir ou se destacar. É a estrada reta e previsível que leva ao conhecido e ao já estabelecido. É a metodologia da conformidade, da reprodução e da submissão aos interesses do sistema. No entanto, há uma urgente necessidade de repensar e redefinir a metodologia que guia nossa produção de conhecimento (Grosfoguel, 2017). Precisamos questionar a ideia de uma única voz dominante, que dita as regras e impõe sua visão de mundo. A pluralidade é fundamental para a promoção de um debate saudável e enriquecedor. É através do confronto de diferentes perspectivas, experiências e

saberes que podemos avançar na compreensão do mundo ao nosso redor. Uma metodologia verdadeiramente inclusiva e transformadora reconhece a importância das vozes marginalizadas e silenciadas. Ela busca criar espaço para que essas vozes sejam ouvidas, valorizadas e consideradas legítimas na geração dos conhecimentos. A metodologia que propomos deve ser orientada pelo interesse de promover a justiça social, a igualdade e a emancipação. Ela busca superar as desigualdades e opressões presentes na sociedade, reforçando as escutas de vozes que se erguem para além da marginalização e tornando visíveis - e criticáveis - as estruturas de poder e dominação (Escobar, 2003).

O que aqui chamamos de polifonia é a coexistência não apenas pacífica, mas mutuamente fecundante, de sistemas de vida e pensamento com ritmos, cores e formas diferentes, não apenas aqueles que se reconhecem como complementares, mas reconstituídos a partir de uma vontade explícita e sistemática de complementaridade (Assmann, 2006). Para produzir polifonia, há que se refazer a escuta: da recuperação da memória à restituição aos caudais da história; das

práticas existenciais à efetiva institucionalização das resistências; dos desejos e utopias às articulações efetivas de proposições alternativas. Nesse sentido, a escuta da memória é fundamental para compreendermos o nosso passado e as histórias que compõem as identidades. Mas é necessário ampliar a escuta para além da memória individual e considerar também a história coletiva (Koselleck, 1985; 2018). Isso significa levar em conta as lutas, conquistas e transformações que ocorreram ao longo dos anos, reconhecendo as diferenças e desigualdades que ainda persistem. É importante abrir espaço para vozes que muitas vezes foram marginalizadas no passado, permitindo que contribuam de forma significativa para a construção de um futuro mais inclusivo e justo.

As instituições também precisam ser ouvidas e repensadas. Muitas vezes, elas refletem padrões de poder e opressão que perpetuam desigualdades e exclusão. Para alcançar a polifonia, é necessário questionar e transformar essas instituições, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e consideradas de forma igualitária. Isso implica na criação de espaços de participação e deliberação

ampla, em que divergências e diferentes perspectivas possam coexistir de maneira construtiva.

Por fim, a escuta dos desejos e proposições efetivas deve ser constantemente incentivada e valorizada. Ao longo da vida, vamos desenvolvendo sonhos, anseios e objetivos que refletem nossas aspirações e necessidades. É essencial que esses desejos sejam levados em consideração na construção de políticas públicas, projetos sociais e ações coletivas. Além disso, é importante estar aberto a novas proposições, reconhecendo que a diversidade de ideias e perspectivas é fundamental para a criação de soluções inovadoras e inclusivas.

A busca pela polifonia exige esforço e constante reflexão. É preciso romper com modelos hegemônicos e abrir espaço para a legitimação de vozes marginalizadas. É um convite para repensarmos nossas práticas e instituições, reconhecendo a importância da diversidade e da colaboração para a construção de um mundo mais democrático e justo. Ao refazer a escuta, estamos construindo um espaço comum, no qual vozes novas e velhas, vozes outras possam fazer-se ouvir, com todas as suas cores, ritmos e formas

que compõem a nossa sociedade, potencializando a riqueza e a beleza de nossas diferenças.

Síntese provisória

O princípio da polifonia é o ponto de partida do posdesenvolvimento, que é um movimento de poscolonização. Este é o ponto de partida para novos diálogos, e ele tem uma justificativa importante.

Diante dos fatos que estão postos na história das colonizações, é imperioso pensar que existem duas posições possíveis a partir de tudo o que aconteceu na história entre as ocupações, genocídios, tentativas de ocultamento e resistências. Uma posição é validar as ocupações, edificando discursos dissuasivos e conhecimento supostamente neutro. Outra posição é renegociar possibilidades de acordos teóricos e valorizar resistências. Decorre disso, uma possibilidade de duas vertentes epistemológicas ou de posições do conhecimento, ou dois itinerários, que seguem.

Para estudar a relação entre razão e poder - na prática, entre razão e projetos de colonização, o primeiro caminho é o do desbravamento, ou seja, produzir

estratégias de racionalidade para favorecer o descobrimento de caminhos novos que forçosamente vão destruir, desconstruir ou renegociar caminhos antigos. O outro caminho podemos chamar de embravamento.

Embravamento, reflorestamento, realdeamento ou quilombização, equivale a tomar o lado daqueles povos, civilizações, modelos de racionalidade que ficaram de fora das iniciativas de desbravamento, não foram extintos e tentam construir-se como formas de alternativa. Este texto pensa a partir da segunda coordenada, ou seja, este texto quer juntar força com o segundo itinerário de embravamento, de dar força, de conferir força, ou de aumentar a força, o poder, a representatividade. Ou a visibilidade daqueles modelos e daquelas formas de racionalidade que resistem e que mais que isso se propõem como alternativas.

No início do trabalho afirmamos que a modernidade é um projeto ambíguo, que tensiona a hospitalidade. Uma das tensões, escolhida para consubstanciar nossa descrição, é a forma histórica da temporalidade, estabelecida sob o signo da aceleração. No entanto, a própria humanidade pode tirar grande proveito das múltiplas formas de resistência aos

compromissos gerados por essa aceleração. Elas aparecem em diversos campos e sob diversas dinâmicas, que vão se preservando sob o signo da memória.

É possível uma reintegração superior do que será a hospitalidade, representada na fábrica de uma humanidade que sintetiza em si convergências de diversos projetos. O que será ainda não se sabe. Mas o caminho para o que pode ser está marcado pelos sinais de trânsito de uma polifonia.

Referências

- Agier, M. (2008). *On the margins of the world: The refugee experience today* (D. Fernbach, Trans.). Cambridge, UK: Polity Press.
- Agier, M. (2021). *The stranger as my guest: A critical anthropology of hospitality* (H. Morrison, Trans.). Cambridge, UK: Polity Press.
- Allende, S. (2022). *A revolução desarmada: Discursos de Salvador Allende* (E. Silva, Trad.). Rio de Janeiro: Ubu.
- Amigo, S. B., & Navarrete, E. M. (Eds.). (2023). *Colonialismo, comunidade e capital: Pensar o despojo, pensar América Latina*. Guadalajara, MX: Religación Press.
- Amin, S. (2011). *Global history: A view from the South*. Cape Town, Dakar,

- Nairobi and Tokyo: Pambazuka Press.
- Assmann, J. (2006). *Religion and cultural memory: Ten studies* (R. Livingstone, Trans.). Stanford, California: Stanford University Press.
- Bakhtin, M. (2017). *Para uma filosofia do ato responsável* (V. Miotello & C. A. Faracco, Trad.). São Carlos: Pedro & João Editores.
- Borsani, M. E. (2021). *Rutas decoloniales*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo.
- Bouteldja, H. (2017). *Los blancos, los judíos y nosotros: Hacia una política del amor revolucionario* (A. Contreras Castro, Trad.). Ciudad de México: Ediciones Akal.
- Bubnova, T., Baronas, R. L., & Tonelli, F. (2011). Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. *Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso*, 6(1), Dez. 2011. <https://doi.org/10.1590/S2176-45732011000200016>.
- Carel, M. (Ed.). (2012). *Argumentation et polyphonie, de Saint Augustin à Robbe-Grillet*. Paris: L'Harmattan.
- Castro-Gómez, S., & Grosfoguel, R. (Eds.). (2007). *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, e Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar.
- Castro, A. (2018). *El desafío de um pensar diferente: pensamiento, sociedad y naturaleza*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO.
- Chong, N. G. (Ed.). (2019). *Las palabras que en mí dormían: discursos indígenas de Bolivia, Ecuador, Chile y México*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales.
- Danowski, D., & Viveiros de Castro, E. (2020). *Há um mundo por vir?: ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental.
- De la Fuente, A., & Andrews, G. R. (Eds.). (2018). *Estudios afrolatinoamericanos: una introducción*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Massachusetts: Afro Latin American Research Institute, Harvard University.
- Derrida, J. (1997). *Adieu à Emmanuel Lévinas*. Paris: Galilée.
- Derrida, J. (2000a). *Of hospitality: Anne Dufourmantelle invites Jacques Derrida to respond* (R. Bowbly, Trans.). Stanford, CA: Stanford University Press.
- Derrida, J. (2000b). Hostipitality. *Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities*, 5(3), 3–18. <https://doi.org/10.1080/09697250020034706>.

- Derrida, J. (2021). *Hospitalité. Vol. I. Séminaire* (1995-1996) (P.-A. Brault & P. Kamuf, Eds.). Paris: Seuil.
- Dussel, E. (2005). Origen de la filosofía política moderna: Las Casas, Vitoria y Suárez (1514-1617). *Caribbean Studies*, 33(2), 35–80. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/392/39233204.pdf>.
- Dussel, E. (2014). *Filosofía del Sur y descolonización*. Buenos Aires: Docencia.
- Eco, U. (2011). *Lector in fabula: La cooperazione interpretativa nei testi narrativi*. Milano: RCS Libri S.p.A.
- Escobar, A. (2003). Mundos y conocimientos de otro modo: El programa de investigación de modernidad/colonialidad Latinoamericano. *Tabula Rasa*, (1), 51–86. Recuperado de <https://www.revistatabularasa.org/numero-1/escobar.pdf>.
- Fancioni, D. (Ed.). (2015). *Genealogie dell'Occidente*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Fernandes, A. de O., Souza, M. L., & Perovano Filho, N. (Eds.). (2023). *Metodologias contracoloniais em relações étnicas raciais e de gênero*. Curitiba: Appris.
- Ferrándiz, F. (2020). *Contemporary ethnographies: Mooring, methods and keys for the future* (N. Stapleton & S. Carlin, Trans.). London and New York: Routledge.
- Freise, M. (Ed.). (2018). *Inspired by Bakhtin: Dialogic methods in the humanities*. Brighton, MA: Academic Studies Press.
- Fruoco, J. (Ed.). (2021). *Polyphony and the modern*. New York and London: Routledge.
- Galeano, E. (2004). *Las venas abiertas de América Latina*. México, DF; Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores.
- Grosfoguel, R. (2017). El manifiesto descolonial de Houria Bouteldja: Del grito secular moderno occidental "Patria o muerte" a la invocación sagrada "Allahou Akhbar". In H. Bouteldja (Ed.), *Los blancos, los judíos y nosotros: Hacia una política del amor revolucionario* (pp. 5-18). Ciudad de México: Ediciones Akal.
- Grosfoguel, R., & Cervantes-Rodríguez, A. M. (Eds.). (2002). *The modern/colonial/capitalist world-system in the twentieth century: Global processes, antisystemic movements, and the geopolitics of knowledge*. Westport, CT: Greenwood Press.
- Khosravi, S. (2010). *Illegal traveller: An auto-ethnography of borders*. Basingstoke, Hampshire; New York: Palgrave Macmillan.
- Khosravi, S. (Ed.). (2021). *Waiting: A project in conversation*. Bielefeld: Transcript Verlag.

- King, V., Gerisch, B., & Rosa, H. (Eds.). (2019). *Lost in perfection: Impacts of optimisation on culture and psyche*. London and New York: Routledge.
- Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: Palavras de uma xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Koselleck, R. (1985). *Futures past: On the semantics of historical time* (K. Tribe, Trans.). New York: Columbia University Press.
- Koselleck, R. (2018). *Sediments of time: On possible histories* (S. Franzel & S. Ludwig-Hoffmann, Trans.). Stanford, CA: Stanford University Press.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora Schwarcz.
- Lander, E. (Org.). (2000). *La colonialidad del saber: Eurocentrismo y teorías sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso.
- Lienhard, M. (Ed.). (1992). *Testimonios, cartas y manifiestos indígenas desde la conquista hasta comienzos del siglo XX*. Caracas, Venezuela: Ediciones Ayacucho.
- Luigi, R., Santos, L. B., Santos, E. V. M., Lima, M. do S. B. de, Ney, V. da S. P., & Santos, L. S. (Eds.). (2023). *Construindo territórios: Projetos de dominação e resistência dos povos do sul global*. Rio de Janeiro: Consequência Editora.
- Maciel, J. de C. (2021). *Hospitalidade e desenvolvimento: Por uma pequena conversa*. Porto Alegre, RS: Editora Fi.
- Marcel, G. (1951). *Homo viator: Introduction to a metaphysic of hope* (E. Craufurd, Trans.). Chicago, IL: Henry Regnery Company.
- Marcel, G. (1971). *The existential background of human dignity*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Milbank, J. (2006). *Theology and social theory: Beyond secular reason*. Malden, MA; Oxford, UK; Victoria, Australia: Blackwell Publishing.
- Mistral, G. (1934/2023). Ímpetu de comunicación y brevedad. In G. Mistral (Ed.), *Recados completos* (pp. 33-36). Santiago de Chile: La Polera Ediciones.
- Olivé, L. (2009). Por una auténtica interculturalidad basada en el reconocimiento de la pluralidad epistemológica. In L. Olivé, B. de Souza Santos, C. Salazar, et al. (Eds.), *Pluralismo epistemológico* (pp. 19-30). La Paz, Bolívia: Clacso.
- Rosa, H. (2013). *Social acceleration: A new theory of modernity* (J. Trejo-Mathys, Trans.). New York: Columbia University Press.
- Rosa, H. (2019). Escalada ou saída? O fim da estabilização dinâmica e o

- conceito de ressonância (Prefácio à edição brasileira). In H. Rosa (Ed.), *Aceleração: A transformação das estruturas temporais na Modernidade* (R. H. Silveira, Trad., pp. IX-L). São Paulo: Editora Unesp.
- Rufer, M. (Coord.). (2022). *La colonialidad y sus nombres: conceptos clave*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- Shafiq, M., & Donlin-Smith, T. (Eds.). (2023). *Mystical traditions: Approaches to peaceful coexistence*. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan.
- Silva, Claudia Zapata (Comp.) (2007) *Intelectuales indígenas piensan América Latina*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar / Ediciones Abya-Yala / Centro de Estudios Culturales Latinoamericanos, Universidad de Chile.
- Sloterdijk, Peter (1987) *Critique of cynical reason* (M. Eldred, Trans.) . Minneapolis; London: University of Minnesota Press.
- Still, J. (2013). *Derrida and hospitality. Theory and practice*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Taussig, M. (2020) *Mastery of non-mastery in the age of meltdown*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- Treanor, Brian (2006) *Aspects of alterity. Lévinas, Marcel and the contemporary debate*. New York: Fordham University Press.
- Tsing, Anna Lowenhaupt (2019) *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB/Mil Folhas.
- Waldenfels, Bernhard (2015) *Exploraciones fenomenológicas acerca de lo extraño*. Nariño, S.L.: Anthropos Editorial.
- Walsh, Catherine (2007) Son posibles unas ciencias sociales / Culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. *Nómadas* (Col), núm. 26, p. 102-113. Bogotá: Universidad Central.
-
- Josemar de Campos Maciel.** Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande, MS.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8277-9422>
Email: maciel50334@yahoo.com.br
- Flávia Cristina Albuquerque Palhares Machado.** Doutorado (2024) em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande, MS.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2601-0771>
Email: flaviapalharesmachado@gmail.com
- Lorene Almeida Tiburtino da Silva.** Doutorado (2020) em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande, MS.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0463-7132>

Email: lorenetibertino@yahoo.com.br

Submetido em: 07/05/2024

1ª Rodada: 20/05/2024

Aceito em: 02/06/2024

Contribuição dos autores:

Conceitualização: J.C.M.; F.C.A.P.M.

Redação do manuscrito: J.C.M.;
F.C.A.P.M.

Análise dos dados: J.C.M.; F.C.A.P.M.;
L.A.T.S.

Revisão e edição: J.C.M.; F.C.A.P.M.;
L.A.T.S.

Financiamento

Bolsa “Professor Visitante Sênior” junto à
Universidad de Santiago de Chile da
Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior - Brasil
(CAPES), (Edital nº 05/2019, processo
88887.868735/2023-00).